

2º Encontro Internacional **MENTE, CÉREBRO E EDUCAÇÃO**

RESUMOS

20 e 21 de Novembro de 2024

Universidade Católica Portuguesa

Escola Secundária António Damásio



Organizadores:



Apoios:



Bem-vindos!

O **2º Encontro Internacional Mente, Cérebro e Educação** regressa com entusiasmo após a sua primeira edição em 2018. Continuando o legado do projeto *Mind, Brain and Education: A School-University Partnership*, que começou na Universidade Católica Portuguesa (UCP) há já 14 anos, este evento resulta de uma organização conjunta entre a Faculdade de Ciências da Saúde e Enfermagem (FCSE-UCP) e o Agrupamento de Escolas de Santa Maria dos Olivais (AESMO), procurando fortalecer a ponte entre a ciência e a prática pedagógica.

A UCP conta na sua oferta formativa com a Formação Avançada em Neurociências e Educação e a Pós-Graduação em Mente, Cérebro e Educação, ambas acreditadas pelo CCPFC, por forma a dar resposta ao interesse dos professores em atualizar o seu conhecimento numa área transdisciplinar. Já o NICE Lab - Neuroscience for Innovation, Communication and Education Lab, fazendo parte integrante da Translational Neuroscience Platform do Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) da Universidade Católica Portuguesa, dedica-se à disseminação de conhecimento científico e ao diálogo interdisciplinar com investigadores de diferentes instituições. Este compromisso almeja reforçar a ciência aplicada em contextos educativos, proporcionando oportunidades para a troca de saberes e a inovação.

O AESMO, com sede na Escola Secundária António Damásio, associa-se à mesma missão. Inspirado pelo seu patrono, o médico neurologista António Damásio, conhecido pelos seus livros de divulgação científica, o AESMO procura igualmente trazer a ciência para o centro do debate público sobre a educação, promovendo uma abordagem informada e baseada em evidências.

Com um foco especial nos processos de aprendizagem, o 2º Encontro Internacional Mente, Cérebro e Educação propõe-se explorar diversas temáticas que se cruzam na intersecção das Neurociências, da Psicologia e das Ciências da Educação. Este encontro constitui um contributo para a tradução e democratização do conhecimento científico, destinando-se a todos os que desejam atualizar os seus saberes numa área cada vez mais transdisciplinar. Professores de todos os ciclos de ensino, psicólogos, terapeutas e pais interessados são convidados a participar neste diálogo enriquecedor que busca aprofundar a compreensão do cérebro e da mente na educação.

A Coordenação Científica



Joana Rato (UCP)



Alberto Veronesi (AESMO)



Sónia Silva Sousa

Sónia S. Sousa é Psicóloga Clínica e Investigadora no Laboratório de Neurociência Psicológica, Centro de Investigação em Psicologia (CIPsi), Escola de Psicologia da Universidade do Minho. A sua investigação centra-se na relação entre o neurodesenvolvimento das funções executivas e o comportamento ao longo da vida, com particular foco na influência do desenvolvimento cerebral e do estilo de vida nas funções executivas, bem como no impacto de um desenvolvimento atípico destes processos, que pode resultar em comportamentos não saudáveis ou em doença. Sónia S. Sousa tem diversas publicações em revistas científicas e colabora com equipas de investigação nacionais e internacionais. Possui competências técnicas em avaliação clínica e neuropsicológica, bem como em análise de neuroimagem.

Principais Publicações

- Developmental trajectory of the prefrontal cortex: a systematic review of diffusion tensor imaging studies
- Functional and structural connectivity of the executive control network in college binge drinkers
- Gray matter abnormalities in the inhibitory circuitry of young binge drinkers: a voxel-based morphometry study
- Alterations of gray and white matter morphology in obsessive compulsive disorder
- Increased nucleus accumbens volume in college binge drinkers-preliminary evidence from manually segmented MRI analysis

Desenvolvimento Cerebral, Autorregulação e Comportamentos de Risco na Adolescência

Nesta apresentação, abordaremos algumas características específicas do desenvolvimento cerebral e cognitivo do adolescente, especialmente no que diz respeito à autorregulação. Também serão apresentadas algumas vulnerabilidades associadas a este período de desenvolvimento, com base na investigação sobre comportamentos de risco, especialmente o consumo excessivo de álcool entre jovens.



Rita Durão

Educadora de infância há 33 anos no Jardim Escola João de Deus, com Mestrado em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica. Professora na Escola Superior de Educação João de Deus, desempenha funções como orientadora da Iniciação à Prática Profissional na Licenciatura em Educação Básica e como orientadora de Estágio Profissional nos Mestrados de Educação Pré-Escolar e de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A Cartilha Maternal – um método intemporal

A aprendizagem da leitura é uma atividade complexa e envolve a aquisição e automatização de várias competências, nomeadamente a consciência fonológica e fonémica (identificação e manipulação de fonemas, sílabas e palavras), o princípio alfabético (correspondências fonema-grafema), a fusão fonémica (leitura de dois fonemas juntos), as fusões fonémicas sequenciais (leitura sequencial de sílabas) e a identificação da fonologia correta de cada palavra, culminando num nível de leitura fluente e precisa.

Segundo alguns autores, a leitura apoia-se em mecanismos da visão para acessar as áreas da linguagem falada, o que é um exemplo de plasticidade cortical e de reciclagem neuronal. O cérebro aprende melhor pelo som do que pela imagem, ou seja, o ensino da leitura deve estar centrado nos fonemas e não nas figuras.

A Cartilha Maternal e o Método de Leitura João de Deus é uma abordagem sistemática e progressiva onde as letras e os sons correspondentes e as palavras são introduzidas gradualmente, desenvolvendo nas crianças as suas habilidades de decodificação e compreensão da leitura. O processo de aprendizagem ocorre em etapas sequenciais, começando por conceitos e habilidades mais simples e avançando para níveis mais complexos.

A Cartilha Maternal é uma obra de natureza pedagógica, escrita pelo poeta e pedagogo João de Deus e publicada em 1876 que continua, até aos dias de hoje, a ser utilizada para ensinar crianças a ler. É sem dúvida um método intemporal!!



Isabel Leite

Isabel Leite é Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora e membro do Conselho Consultivo do EDULOG, Think Tank para a Educação da Fundação Belmiro de Azevedo. Os seus interesses de investigação recaem sobre as habilidades de leitura e escrita e os processos mentais envolvidos na sua aprendizagem. Tem participado em projetos nacionais e internacionais relacionados com estes temas. Foi uma das investigadores responsáveis pelo estudo Como estão a ser preparados os futuros professores para o ensino da leitura e da escrita? Atualmente dirige o projeto LER: Literacia no 1.º ciclo. É coautora de manuais e capítulos de livros sobre o ensino e a aprendizagem inicial da leitura. Coordena a plataforma LER: Leitura, Escrita, Recursos. Exerceu, como independente, as funções de Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário no XIX Governo Constitucional, onde trabalhou nas áreas relacionadas com o currículo e avaliação.

LER para conhecer e melhorar: Atualização científica, avaliação e recursos pedagógicos

O projeto LER, da Fundação Belmiro de Azevedo, nasce do compromisso com a melhoria da educação, centrando-se na aprendizagem da leitura e escrita. Estudos como O impacto do professor na aprendizagem dos alunos (Balcão Reis et al. 2021) e análises da formação docente (Leite et al., 2022) destacaram a importância dos professores e revelaram lacunas na preparação inicial dos futuros docentes para o ensino da leitura e escrita. Hoje, o projeto possui três dimensões centrais: avaliação, formação e produção de recursos pedagógicos. A avaliação foca-se nos conhecimentos e capacidades das crianças em idade pré-escolar e nas habilidades iniciais de leitura e escrita, visando conhecer melhor a trajetória de aprendizagem em Portugal e identificar dificuldades precoces. A formação tem por objetivo contribuir para a atualização dos docentes e para uma melhor formação inicial de educadores e professores, reforçando os conhecimentos no domínio da linguística e psicolinguística, essenciais para ensinar a leitura e a escrita de forma eficaz. A plataforma LER e materiais de apoio oferecem conteúdos científicos e pedagógicos úteis para a prática letiva. Esta abordagem integrada pretende apoiar os docentes no seu esforço contínuo de desenvolvimento e atualização, assim como monitorizar a progressão dos alunos, com o objetivo último de melhorar a aquisição da literacia.



Gabriela Velasquez

Gabriela Velasquez é Mestre em Formação Psicológica de Professores, Doutorada em Educação, na área de Psicologia de Educação. Professora convidada na licenciatura em Educação Básica e nos Mestrados de Educação Infantil e de 1.º Ciclo na Escola Superior de Educação de Santa Maria (2010-2015). Docente do 1.º ciclo e Coordenadora de Estabelecimento na Escola Básica de S. João da Foz, Agrupamento de Escolas Garcia de Orta, no Porto (2006-...). Atualmente é a Coordenadora Regional do Programa A a Z.

Ensinar a Ler de A a Z

Apesar do aumento progressivo da escolarização, 58% dos alunos ainda não atingem o nível mínimo de proficiência em leitura (Unesco, 2017). A União Europeia estabeleceu como meta, para 2020/2030, reduzir este valor para menos de 15% de alunos com baixo desempenho. Portugal permanece longe deste objetivo e tem-se mesmo afastado dele. É, por isso, urgente intervir nas dificuldades iniciais de aprendizagem da leitura, sendo esta a motivação para o surgimento do Programa A a Z – Ler Melhor, Saber Mais.

O Programa A a Z foca-se no ensino da leitura, competência essencial para todas as aprendizagens futuras, com o objetivo de ajudar as crianças a desenvolver a capacidade e fluência na leitura. Destina-se aos dois primeiros anos de escolaridade, numa lógica de deteção precoce das dificuldades.

Para além da intervenção direta, em contexto escolar, o programa inclui outras vertentes, como a produção de materiais de apoio para professores, guias para pais e histórias para crianças, de leitura apoiada, as “Histórias de A a Z”. Baseia-se no pressuposto de que as dificuldades de leitura são superáveis com uma intervenção atempada, intensiva, sistemática e bem estruturada.



Rui Trindade

Possui o curso de Professor do Ensino Primário, a licenciatura em Psicologia do Desenvolvimento e da Educação da Criança, sendo Mestre e Doutor em Ciências da Educação. As suas áreas de interesse, como investigador e autor de livros e artigos, relacionam-se com a organização e a gestão do processo de ensino e de aprendizagem em contextos escolares, a formação inicial e contínua de professores ou a Pedagogia no Ensino Superior. Atualmente, é o presidente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua.

A formação contínua de professores na área das ciências cognitivas e das neurociências: contributo para uma reflexão

A oferta de ações de formação contínua para docentes centradas em temas relacionados com as neurociências têm vindo a aumentar, o que pode ser explicado pela crescente visibilidade desta área do saber na sociedade portuguesa e, no caso específico do sistema educativo português, pela influência da OCDE na configuração de alguns projetos que adquiriram forma e um peso maior a partir de 2016.

Creio que através dessas ações de formação contínua se renova um vínculo, com peso histórico, entre a Psicologia e a Educação Escolar, cujas potencialidades e equívocos terão de ser objeto de uma reflexão séria e sustentada. Sendo necessário ser prudente acerca das constatações que se podem propor para analisar um tal vínculo, particularmente ao nível da importância das neurociências como área de referência das iniciativas que se assumem na formação contínua de professores, é possível, contudo discutir, de forma exploratória, algumas das tendências que parecem revelar-se através dessas iniciativas.

São estas tendências que constituem o objeto da minha intervenção, de forma a enunciarem-se algumas hipóteses que deverão ser objeto de investigação e de reflexões mais consistentes e informadas.



Patrícia Gramaxo

Formou-se em Educação de Infância em 1998 e Educação Básica do 1º Ciclo do Ensino Básico em 2008, pela ESE João De Deus; na Nova FCSH, em 2013, terminou o mestrado em Ciências da Educação onde estudou a felicidade dos professores e em 2018 doutorou-se em Formação e Supervisão de Professores com uma investigação sobre a diferença que a escola faz nos resultados escolares.

Atualmente, desempenha funções de Adjunta da Direção para a Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico no Agrupamento de Escolas do Restelo, coordena o Projeto “*Happy Schools* em Portugal” no Centro de Investigação da Universidade Aberta e é responsável pela ação de formação contínua de professores “*Happy Schools* – como promover a felicidade das escolas”.

Mente, cérebro e docência: Os professores de uma escola feliz

As pessoas são o elemento mais relevante de uma escola feliz. Delas, concretamente no caso dos alunos, os amigos são o fator que mais contribui para a felicidade da escola, ao mesmo tempo que é aquele que mais a perturba, pela mão do bullying e não só.

Os professores, esses, são o segundo fator que mais pesa na caracterização de uma escola feliz, interpretado pelas competências pessoais e profissionais que revelam, e se traduz nas práticas pedagógicas que adotam.

Ao frequentarmos uma escola feliz, encontramos professores felizes, que estabelecem boas relações com os alunos e os pais/encarregados de educação; são professores que apoiam os alunos. Ainda que seja difícil definir as melhores práticas, pois estas dependem do objetivo, encontramos evidências de práticas adotadas pelos professores que levam a uma avaliação da escola como sendo feliz. São elas a existência de aulas dinâmicas, aulas ao ar livre, haver a possibilidade de se trabalhar em grupo ou sob a forma projeto, por exemplo.

Ao abordar-se a temática das escolas felizes, alerta-se para questões que assolam dos alunos e dos professores.



Michelene Chi



Ida Malian

Michelene T.H. Chi é Professora Regents e titular da Cátedra Dorothy Bray de Ciência e Ensino no Mary Lou Fulton Teachers College da Arizona State University. Reconhecida investigadora nas ciências cognitivas e de aprendizagem, é especialmente conhecida pelo desenvolvimento do modelo ICAP. Dedica-se também à investigação sobre vídeos instrucionais para ensino online, defendendo que vídeos baseados em diálogos tutorais são mais eficazes para a aprendizagem dos estudantes do que os monólogos didáticos. É membro da Academia Americana de Artes e Ciências e da Academia Nacional de Educação, tendo sido laureada com o Prémio Yidan para Pesquisa em Educação em 2023.

Ida Malian é vice-reitora associada para sistemas académicos e professora de educação especial na Mary Lou Fulton Teachers College da Arizona State University.

O seu foco académico centra-se na eficácia das práticas inclusivas. Atualmente, está envolvida num estudo nacional sobre “paraeducadores” (no original, *paraeducators*) em salas de aula inclusivas e na eficácia do coensino no desempenho dos alunos. Recentemente, foi nomeada pelo Conselho de Educação do Arizona para o Painel Consultivo de Educação Especial, onde exerce o cargo de vice-presidente.

ICAP: Defining How Students Engage to Learn in Active Learning

Active learning improves student learning, but it is not clear what teachers should do to enhance active learning. The ICAP theory provides a framework that defines four different ways that students can engage-with-instruction based on two criteria: How students physically interact-with-instruction, and what outputs they produce. Based on these two criteria, ICAP postulates that Interactive engagement, demonstrated by co-generative collaborative behaviors, is superior for learning than Constructive engagement, indicated by generative behaviors.

Both kinds of engagement far exceed the benefits of Active or Passive engagement, marked by manipulative and attentive behaviors, respectively.

ICAP’s predictions are supported by numerous studies in the literature. ICAP can be used as guiding principles to dictate how to design learning activities and lesson plans. Examples of classroom applications of ICAP will be provided.



Nuno Crato

Presidente da Teresa e Alexandre Soares dos Santos – Iniciativa Educação, ensinou em Lisboa, Açores e Estados Unidos, sendo depois catedrático de matemática e estatística na Universidade de Lisboa.

Nuno Crato presidiu ao International Symposium on Forecasting, coordenou e presidiu o centro de investigação Cemapre, liderou a Sociedade Portuguesa de Matemática e foi CEO do Taguspark. Entre 2011 e 2015, assumiu o cargo de Ministro da Educação e Ciência. Reconhecido divulgador científico, com livros traduzidos para várias línguas, recebeu prémios da Sociedade Europeia de Matemática e da Comissão Europeia. Foi agraciado como Comendador (2008) e Grã-Cruz (2016) da Ordem do Infante D. Henrique, bem como Grã-Cruz (2022) da Ordem da Instrução Pública. Escreveu cerca de 500 artigos de divulgação científica, realizou programas de rádio e televisão, e publicou diversos livros. Publicou alguns trabalhos com reflexões sobre a sua experiência ministerial, nomeadamente “Everything starts with the curriculum”, ResearchED 4, Fevereiro 2019; “Curriculum and education reforms in Portugal: An analysis on why and how students’ knowledge and skills improved“, in F. Reimers (Ed.) Audacious Education Purposes, Springer 2019, e “Math curriculum matters: Statistical evidence and the Portuguese experience” European Mathematical Society Magazine 124, 49-56. Publicou recentemente Apología del Libro de Texto: Cómo Escribir, Elegir y Utilizar un Buen Manual (Madrid, Narcea), coeditou o livro Improving National Education Systems After COVID-19: Moving Forward After PIRLS 2021 and PISA 2022 (Springer 2024), editou Improving a Country's Education: PISA 2018 Results in 10 Countries (Springer 2021) e coeditou Data-Driven Policy Impact Evaluation (Springer 2019).

A divulgação científica, em ciência e em educação

A divulgação científica é uma atividade estabelecida em várias áreas científicas, tendo havido e existindo atualmente grandes cientistas que também se dedicam à popularização de temas científicos. Em Educação, tal atividade é menos desenvolvida, mas defronta-se com problemas e dificuldades do mesmo tipo: concepções erróneas e mitos persistentes. Tem também do seu lado o deslumbre e o interesse nas novidades científicas.



Mariana Coelho

Licenciada em Fisiologia Clínica, pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco, e Mestre em Saúde Pública e Desenvolvimento, pela Universidade Nova de Lisboa, completei, também, uma Pós-Graduação em Eletroencefalografia. Atualmente trabalho em contexto de clínica e hospital com Neurofeedback e estimulação Transcraniana, encontrando-se a população alvo em contexto de depressão, demências e AVC. Faço parte do projeto Fala-me Neuro desde 2021.

É Assistente convidada do Instituto Politécnico de Castelo Branco, onde orienta teses e estágios, atividade que também leva a cabo no Instituto Superior Técnico de Lisboa.

Revolucionando a comunicação de neurociência em português

O "Fala-me Neuro" é um projeto de comunicação e educação informal de neurociências, em português, criado para desmistificar tópicos sobre a mente e o cérebro e combater a desinformação nessa área. Este projeto explora tópicos científicos complexos de forma acessível, despertando o interesse dos cidadãos pelos avanços da neurociência.

A diversidade de atividades (eventos presenciais e presença digital), formatos (palestras, mesas redondas, rubricas digitais) e linguagens (visual, escrita e áudio) instigam a curiosidade, o diálogo aberto e a literacia em neurociência, reforçando a confiança da sociedade no conhecimento científico.

Desde 2020, o projeto já organizou e participou em 31 palestras, mesas redondas e workshops, atingindo um vasto público de diferentes grupos etários e sociais. Este projeto tem revolucionado, e promete transformar, a forma como a neurociência é percecionada a nível nacional (e internacional) pelos falantes de língua portuguesa.



Paulo Guinote

Professor do 2º Ciclo do Ensino Básico. Licenciado em História e Mestre em História Contemporânea (FCSH-UNL) e Doutor em História da Educação (Instituto de Educação da Universidade de Lisboa).

Autor e coautor de diversas obras e artigos na área da História da Expansão Portuguesa, da História Contemporânea, da História da Mulher e da História da Educação, com destaque para *Educação e Liberdade de Escolha* (FFMS, 2014), *08/03/08 - A Grande Marcha dos Professores* (Oficina do Livro, 2016) e *Quando as Escolas Fecharam* (FFMS, 2021).

Colaborador, com artigos de opinião, do jornal *Público* entre 2008 e 2021, do suplemento de Educação do *Jornal de Letras* desde 2017 e do *Diário de Notícias* desde o início de 2024. Criador dos blogues *A Educação do meu Umbigo* (2005-2015) e *O Meu Quintal*.

Educação: Ciência ou Ideologia?

A Educação, enquanto sistema formal de transmissão inter-geracional da herança de conhecimentos da Humanidade, em especial na sua versão ocidental contemporânea, viveu desde as suas origens uma tensão entre o que se foi considerando conhecimento científico e a sua utilidade como aparato ao serviço da ideologia dos diferentes regimes que a tutelaram.

Em especial a chamada, durante bastante tempo de forma pouco rigorosa, “escola de massas”, desenvolvida a partir do século XIX com a ascensão dos Estados-Nação, foi sempre um ponto de cruzamento delicado e equilíbrio instável entre Ciência (teoricamente neutra em termos de valores, buscando a objectividade possível na representação da realidade) e Ideologia (campo privilegiado e fértil para as abordagens enviesadas e truncadas de uma realidade a condicionar).

No século XXI, da definição do currículo à organização dos estabelecimentos escolares, dos sistemas de avaliação de alunos e docentes aos modelos pedagógicos, ao contrário do esperado, a Ciência tem recuado perante a Ideologia, mesmo em algumas das sociedades mais avançadas em termos científico-tecnológicos, não apenas por pressão dos dogmas religiosos (a primeira e mais forte modalidade de Ideologia), mas de igual forma na sequência do combate entre cliques político-partidárias que buscam controlar a Educação como estratégia para formar os futuros cidadãos, não hesitando, nessa disputa, por sacrificar a Ciência.



Alexandre Castro Caldas

Fez a licenciatura em Medicina, o Doutoramento e as Provas de Agregação na Faculdade de Medicina de Lisboa onde foi Professor Catedrático de Neurologia e Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Maria. Hoje é Coordenador da área da Saúde da Universidade Católica.

Ao longo da vida desempenhou múltiplos cargos de direção em sociedades científicas nacionais e internacionais e é Membro Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de Medicina. Publicou mais de 200 artigos científicos em revistas internacionais e 10 livros. Recebeu vários prémios de que realça o Grande Prémio BIAL de Medicina e o Distinguished Career Award da International Neuropsychological Society

Mente, Cérebro e Atuais Desafios Da Educação

Os desafios da Educação no Século XXI ultrapassam largamente o domínio das Ciências do Cérebro. De uma forma geral, podemos dizer alguma coisa sobre a forma como o cérebro se desenvolve e se prepara para adquirir as competências (*skills*) mas nada pode acrescentar no que respeita aos conteúdos da informação a receber.

Sabemos que estamos longe do conceito filosófico de tábua rasa (Locke 1690) e compreendemos que o cérebro vem já pré-programado para assimilar a maioria da informação do mundo, mesmo aquela que mais recentemente penetrou na mente humana. Podemos, então, descrever a forma de desenvolvimento do saber sobre os diversos domínios que fazem parte do ensino escolar como a leitura, a escrita, o cálculo, as línguas estrangeiras e considerar também a forma como arquivamos as informações e os estímulos facilitadores desses processos.

Vale a pena ainda estar atento para o rápido desenvolvimento da inteligência artificial que constitui uma interface entre a pessoa e a realidade do mundo que necessita de domesticação.

As crianças necessitam de compreender o mundo real e não as suas representações mais ou menos elaboradas. Os sentidos são a porta de entrada do saber, tal como disse já Aristóteles.



Carlos Ceia

É Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e titular da cátedra Humanidades Digitais na Educação do Conselho Internacional para os Estudos sobre Filosofia e Humanidades, fundado pela UNESCO.

É director do Centro de Estudos Ingleses de Tradução e Anglo-portugueses (CETAPS) e Director do ILNOVA (Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa).

Coordena o Doutoramento em Didática das Línguas (FCSH/UNL e UAberta) e o Doutoramento em Educação (FCSH/FCT/ISPA).

Autoconceito e Percepções do Professor

O autoconceito do professor refere-se à percepção que ele tem de si mesmo enquanto educador, englobando as suas crenças sobre as suas capacidades, competências, valores e identidade profissional. As percepções do professor incluem como ele vê os seus alunos, o ambiente escolar, o currículo e o processo de ensino e de aprendizagem.

São dois pilares fundamentais no processo de autoformação de um professor e de construção da sua intelectualidade - matérias que raramente investigamos no campo educativo.

O autoconceito e as percepções do professor também são moldados pelo autoconhecimento, que é a capacidade de refletir sobre si mesmo e compreender as suas próprias emoções, pensamentos e comportamentos. O autoconhecimento permite ao professor identificar as suas forças e áreas de melhoria, promovendo um desenvolvimento contínuo e mais eficaz das suas capacidades pedagógicas na comunicação científica e na transmissão de conhecimento. Tentaremos reflectir sobre estas zonas de desenvolvimento profissional do professor, descrevendo-as e avaliando as suas limitações face ao contexto educativo português.



Catarina Seabra



Beatriz Ribeiro

Da Universidade para a Escola | Projeto Brain Gain

Catarina M. Seabra é neurocientista, dedicada a criar projetos que contribuam para o avanço da ciência, educação e ligação com a sociedade.

Beatriz Ribeiro é estudante de doutoramento e, além de se dedicar à investigação, é também entusiasta pela comunicação e aproximação da sociedade ao mundo científico.

Neuro...Quê? Um Guia Sobre Profissões em Neurociências”

Somos Brain Gain - À Descoberta das Neurociências. Conscientes das barreiras entre cientistas e a comunidade, a nossa equipa desafiou-se a criar, em 2020, o projeto Brain Gain com o objetivo principal de: destacar a qualidade do trabalho realizado em Neurociências em Portugal e também o que fazem neurocientistas portugueses pelo mundo. Para além disso, quisemos: mostrar a diversidade de profissões que existe neste contexto e inspirar jovens estudantes a seguirem esta área. Desta forma, o projeto tem contribuído para a construção dos alicerces necessários para a divulgação e democratização do conhecimento em Neurociências de forma acessível e simples e para a aproximação da comunidade estudantil a este meio científico. A nossa equipa é interdisciplinar, juntando cientistas, comunicadores de ciência, ilustradores e muito mais! Mais sobre o Brain Gain e suas iniciativas aqui: www.braingain.pt

O nosso livro: “Neuro...Quê? Um Guia Sobre Profissões em Neurociências” será lançado e distribuído gratuitamente no TAGV, em Coimbra no dia 27 de novembro, integrado na semana da Ciência e Tecnologia. Este livro é um recurso especialmente desenvolvido para alunos do ensino secundário, com o intuito de apresentar o vasto leque de oportunidades profissionais existentes na área das neurociências. Acreditamos que este guia será uma ferramenta valiosa para auxiliar os estudantes na escolha do seu percurso académico e profissional.

Comissão Organizadora da FCSE-UCP (por ordem alfabética)

Ana Mara Coelho

Dânia Martins

Joana Rato

Jorge Amorim

Lizandra Carvalho

Marta Santos

Matheus Nascimento

Nuno Filipe

Comissão Organizadora da AESMO (por ordem alfabética)

Alberto Veronesi

Helena Mestre

Margarida Santos